



## MACHISMO, MISOGINIA E SEXISMO: EXPRESSÕES IDEOLÓGICAS DO ANDROCENTRISMO

José Ricardo Carvalho <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo precípuo apresentar as ideias machistas, misóginas e sexistas como expressões do Androcentrismo. Compreender como a sociedade, por meio do processo educacional e cultural, vem, há séculos, transmitindo e reforçando a mentalidade que os homens são superiores às mulheres é de fundamental importância para que haja a desconstrução da visão androcêntrica na sociedade. A metodologia utilizada para a realização do trabalho foi a pesquisa bibliográfica, realizada através da seleção e leitura de material impresso e virtual, bem como a análise e síntese dos textos estudados. Compreender como a mentalidade androcêntrica permeia, define e dirige todos os espaços sociais, em suas variadas expressões e dimensões como a economia, a política, a religião, a educação e o campo laboral é fundamental para uma tomada de consciência e efetivo trabalho de desconstrução desse paradigma, colocando, a partir da revisão de conceitos e atitudes, homens e mulheres em posição de isonomia em direitos e deveres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machismo. Misoginia. Sexismo. Androcentrismo.

### ABSTRACT

The main objective of this article is to present the machista, misogynist and sexist ideas as expressions of Androcentrism. Understanding how society, through the educational and cultural process, has for centuries been transmitting and reinforcing the mentality that men are superior to women is of fundamental importance for the deconstruction of androcentric vision in society. The methodology used to perform the work was the bibliographical research, performed through the selection and reading of printed and virtual material, as well as the analysis and synthesis of the texts studied. Understanding how the androcentric mentality permeates, defines and directs all social spaces, in its varied expressions and dimensions such as economics, politics, religion, education and the labor field is fundamental for an awareness and effective work of deconstruction of this paradigm, placing, from the review of concepts and attitudes, men and women in a position of equality in rights and duties.

**KEYWORDS:** Chauvinism. Misogyny. Sexism. Androcentrism.

---

<sup>1</sup> *Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. Professor universitário. Graduado em Filosofia, Teologia, Pedagogia, Direito e História. Pós-graduado em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio; em Direito e Processo Constitucionais; em Docência do Ensino Superior; em Docência em Filosofia e Teologia; em Tutoria em EaD e Docência do Ensino Superior; em Psicopedagogia Institucional e Clínica e em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica. E-mail: pensador32@hotmail.com.*



## INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre a ideologia androcêntrica em suas variantes, expressas nas concepções machistas, misóginas e sexistas que influenciam e determinam, por meio da cultura e da educação, pensamentos, valores, comportamentos em todas as sociedades.

Segundo Bourdieu (2002), o androcentrismo legitima a condição de superioridade do gênero masculino sobre o feminino, estabelecendo e reforçando uma mentalidade de dominação, exclusão, violência e morte. Dessa forma, a hegemonia da visão androcêntrica sobre a vida social, se coloca como algo neutro e sem necessidade de explicação ou justificativa, tendo como objetivo sua própria legitimação.

A vida social tem uma dinâmica simbólica, tendo como fundamento a dominação masculina na qual se estrutura e se fundamenta: a divisão social no trabalho, a distribuição restritiva das atividades atribuídas a cada um dos gêneros, seu lugar, instantes e instrumentos. (BOURDIEU, 2002).

Para a realização do presente artigo de revisão, algumas questões foram colocadas: o que significa androcentrismo? O que é ideologia? Quais os conceitos de machismo, misoginia e sexismo? Qual ator social é privilegiado com esses paradigmas e quem padece com as consequências negativas dessas ideologias? Qual o papel da cultura e da educação na transmissão do pensamento androcêntrico?

Tratar sobre o tema androcentrismo é imprescindível para que se construa na sociedade atual uma mentalidade cada vez mais consciente da importância de se buscar, incessantemente, a igualdade entre homens e mulheres, como preconiza a Constituição Cidadã de 1988 em seu Art. 5º, Inciso I. (BRASIL, 1988).

É a partir da tomada de consciência e de uma profunda reflexão sobre a ideologia androcêntrica, manifestada em ideias e valores machistas, misóginos e sexistas, por meio da cultura e da educação, que se pode, hoje, na família, na escola, nas instituições educacionais e empresariais, na sociedade, no labor e no lazer, possibilitar uma atmosfera colaborativa, solidária e igualitária, onde homens e mulheres, espaços, direitos e deveres, atribuições familiares e laborais, sejam exercidos no mesmo nível de importância, valorização e de remuneração.



Nesse sentido, o conhecimento sobre a temática do androcentrismo deve ser aprofundado, discutido, refletido e assimilado, através da educação escolar (formal) e da educação familiar e social (informal), possibilitando, assim, que as futuras gerações tenham uma mentalidade diferente sobre os gêneros e as relações de poder que se estabelecem entre eles, apresentando os aspectos negativos que essa mentalidade causa nas relações familiares, sociais e do trabalho, isto é, no mundo das relações interpessoais, posto que, a visão androcêntrica segrega, discrimina, violenta, simbolicamente e fisicamente, os que estão em seu oposto, as mulheres.

Para a realização da presente pesquisa, utilizou-se a técnica de revisão de literatura, que consiste em todo o material relevante escrito sobre um determinado tema em livros, artigos de periódicos e jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações e outros tipos. (INSTITUTO DE PSICOLOGIA, 2018).

A revisão narrativa é um tipo de revisão de literatura. Nesse tipo de revisão “não se utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações. Não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas”. (INSTITUTO DE PSICOLOGIA, 2018).

A revisão da literatura demonstra que o pesquisador está antenado com as mais recentes discussões no campo de conhecimento que está investigando, seja em artigos de periódicos nacionais e internacionais, em livros já publicados, monografias, dissertações e teses que constituem excelentes fontes de pesquisa e consulta. Assim, a revisão de literatura difere-se de uma coletânea de resumos ou uma colcha de retalhos de citações. (PRODANOV, 2013).

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas, por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites.

Segundo Fonseca (2002, p. 32), “Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica” [...].



A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos. (INSTITUTO DE PSICOLOGIA, 2018).

Portanto, a metodologia utilizada se enquadra na revisão bibliográfica ou de literatura que é o processo de busca, análise e descrição de um campo do conhecimento, na busca de respostas a perguntas específicas.

### **Machismo, misoginia e sexismo: expressões do Androcentrismo**

A ideologia androcêntrica, historicamente, esteve presente na maioria das culturas das sociedades politicamente organizadas, com estruturas mais complexas e papéis sociais mais definidos e delimitados pela função de cada membro no tecido social e pelo poder exercido pelos homens sobre as mulheres nas esferas econômica, religiosa, social e política.

“Desde a mais remota antiguidade [*sic*] ocupou a mulher na sociedade uma posição subalterna ou, no mínimo, subsidiária ou complementar ao homem. [...] considerada coisa, podendo ser, por isso, passível de ser comerciada. [...] Esse foi o início da segregação oriental da mulher” (BURNS, 1977 apud MAGALHÃES, 1980, p. 125).

Em Roma e na Grécia, berços da sistematização da mentalidade androcêntrica, oriunda de uma visão patriarcal da cultura ocidental, a situação da mulher em relação ao homem não era diferente, [...] “pois a mulher estava sob o poder marital que para os romanos era chamado “manus”. Da “manus” do pai ela passava para a “manus” do marido, morto este para a tutela dos filhos e na falta destes para a tutela dos parentes do marido. O marido podia também, antes de morrer, designar tutor para ela”. (COULANGES, 1919 apud MAGALHÃES, 1980, p. 125).

Na antiga Índia, o Código de Manu, em seu art. 415 afirmava que “a mulher durante a sua infância depende do pai; durante a mocidade do marido; e morrendo o marido, dos seus filhos; se não tem filhos, dos parentes próximos de seu marido [...]”. (COULANGES, 1919 apud MAGALHÃES, 1980, p. 125).



O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre no nosso mundo, como o único capaz de ditar leis, de impor a justiça, de governar o mundo. (MARIMÓN, 2003, p.23).

A ideia androcêntrica e suas expressões como o machismo, a misoginia e o sexismo são facetas de uma única realidade, construídas ao longo dos séculos e impostas à dinâmica da vida social em quase todo o mundo.

### **Cultura e Educação: instrumentos eficazes de legitimação e disseminação do androcentrismo no tecido social**

A educação e cultura são instrumentos eficazes para a disseminação e naturalização do androcentrismo na sociedade, pois influenciam e condicionam o modo de ser e de viver das pessoas em todos os tempos e lugares. Por isso, compreender a influência desses mecanismos na disseminação de valores e ideias androcêntricas é de suma importância para a ressignificação dos seus papéis no meio social, percebendo suas contradições, não neutralidade e que, ao seu modo, explicitamente ou de maneira oculta, a mentalidade e os valores da classe dominante no período histórico em vigor.

Segundo Bosi (2004), o termo cultura provém do francês médio *culture* e é derivada do latim. No latim, diz-se *cultos*, *colui*, *colo* ou *colere*, que podem significar: habitar, cultivar, lavrar, manutenção e decoração.

Percebe-se que o termo cultura está intimamente relacionado com a ideia de cultivo ou habitação. Por isso, sua relação direta com as manifestações, expressões e valores de uma determinada sociedade. Assim, pode-se considerá-la como o conjunto de costumes, práticas, comportamentos adquiridos e transmitidos socialmente de geração em geração.

A cultura pode ser compreendida como o resultado da intervenção humana na natureza, criando a partir dela, instrumentos, utensílios, tecnologias que possibilitem a dominação do homem sobre ela. Nesse sentido, pode-se afirmar que a cultura é uma construção social, e não um dado ou realidade da natureza. Ela é uma criação do pensamento humano. É expressão de valores, desejos, vontades, experiências, comportamentos e conhecimentos sistematizados ao longo da trajetória história e social da humanidade.



A palavra cultura, em um sentido mais sociológico, pode ser entendido como o “conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social” (BOSI, 2004, p.16), sendo responsável pela construção e disseminação de valores, conhecimentos, modos de ser e de viver, advindos da ideologia da classe dominante.

Sendo a cultura uma construção humana, oriunda da intervenção do homem no meio ambiente, gerando, assim, novas ideias, valores, modelos de comportamento, ela pode ser questionada e reavaliada, adaptando-a, aos novos tempos.

Assim, se a mentalidade androcêntrica foi construída ao longo do tempo e transmitida pela educação e a cultura, ela pode ser desconstruída, a partir dos mesmos instrumentos de propagação educacional e cultural.

Contudo, a reavaliação cultural do paradigma androcêntrico não deve ser substituído por outro que reforce e legitime mais uma ideia de dominação ou segregação. O que deve surgir da quebra do androcentrismo é a mentalidade de que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”. (BRASIL. DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. ART. 1. ).

A educação é outro instrumento eficaz de germinação, disseminação e condicionamento de saberes, comportamentos e modos de ser e de viver, independentemente, de ser informal ou formal, que tem como finalidade moldar os sujeitos de uma sociedade de acordo com a mentalidade dominante da classe que tem a hegemonia política, econômica, tecnológica e financeira daquele período histórico.

O processo educativo se encontra em todos os âmbitos da vida social e cultural de uma sociedade. Por isso, os valores e conhecimentos da ideologia dominante tem nela, sua sementeira fértil, onde poderá germinar e se desenvolver de forma natural, neutra e espontânea.

Segundo a Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB, em seu Art. 1º: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.



Nesse sentido, o processo educativo informal ou formal se encontram em todos os âmbitos sociais e aliado à cultura, formam a dupla imbatível de instrumentos ideológicos, utilizados pelo sistema de dominação para naturalizar e uniformizar valores, saberes, comportamentos e atitudes.

Dessa forma, a ideologia androcêntrica se utiliza desses dois canais: a cultura e a educação para consolidar suas ideias, penetrando profundamente o tecido social, em todas as suas dimensões, estruturas e espaços.

Para Chauí (2008, p.25), “O termo ideologia aparece pela primeira vez na França, após a Revolução Francesa (1789) [...] no livro de Destutt de Tracy [...]” onde se “pretendia elaborar uma ciência da gênese das ideias”.

Inicialmente, o termo tinha uma conotação sensitiva, ou seja, atribuindo ao corpo e seus sentidos, a origem das ideias, refutando tudo que fosse metafísico, espiritual ou teleológico.

Segundo Chauí (2008, p.27-28), o termo teria um sentido pejorativo atribuído a uma declaração feita por Napoleão, que disse: ‘Todas as desgraças que afligem nossa bela França devem ser atribuídas à ideologia, essa tenebrosa metafísica que, buscando com sutilezas as causas primeiras, quer fundar sobre suas bases a legislação dos povos’ [...].

Auguste Comte, utilizou o termo ideologia com dois significados: o da origem das ideias como fruto da relação do corpo com o meio ambiente, por meio das sensações e o sentido de ideologia como um conjunto de ideias de uma determinada época. (CHAUÍ, 2008).

Pois como as ideologias [...] são condicionadas e construídas socialmente, são passíveis de mudança e de desconstrução: desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural e nem inevitável, mas uma construção produzida por discursos que se apoiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de desconstrução que busca desmantelá-la e reinscrevê-la, isto é, não destruí-la mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes (CULLER, 1999, p.122).

Tais ideias passaram por um processo de naturalização, constituindo a memória discursiva de um povo. Ainda hoje, o androcentrismo, faz-se presente e fortemente opressor, sendo um sistema sócio-político-econômico-cultural que predomina na maioria das sociedades no mundo todo.



A desconstrução trabalha contra a lógica que faz perceber que a oposição é construída e não inerente e fixa. Dessa forma, a desconstrução supõe que se busquem os processos e as condições que estabeleceram os sujeitos da polaridade (LOURO, 1997).

Por isso, muitos erros são cometidos quando se separa e se restringe a dominação apenas ao campo político e à exploração ao campo econômico, contudo, ambas atuam em outras dimensões como a educação, a cultura, a sociedade, a religião e o campo laboral.

“[...] Ninguém, nem mesmo homossexuais masculinos e femininos, travestis e transgêneros ficam fora do esquema de gênero patriarcal. [...] o patriarcado é, nas sociedades ocidentais urbano-industriais-informacionais, o mais abrangente. (SAFFIOTI, 2011 apud CHAVES, 2018, p.529).

As ideias androcêntricas subsistem e são fortemente estimuladas na maioria dos países em todo o mundo. Basta observar as expressões culturais dos povos ao longo do tempo. A mentalidade de superioridade dos homens em relação às mulheres é tão antiga quanto à própria sociedade.

Segundo Costa (2008), a hierarquia na organização sexual é necessária ao domínio político. Desse modo, o domínio masculino é alimentado na estrutura familiar, nas organizações políticas, a partir de um modelo masculino de dominação, o arquétipo viril.

### **O Machismo: a ideia de superioridade do homem sobre a mulher**

O machismo é definido como sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre homem e a mulher. (DRUMOT, 1980, p.81).

Segundo essa mentalidade, capacidades ou aptidões, direitos e deveres, produção e reprodução, desejos e sonhos são vividos e impostos de forma diferente entre homens e mulheres. Os espaços de dominação e prestígio em sua maioria são destinados somente aos homens em detrimento às mulheres.

Esse modo de pensar não é um fenômeno apenas encontrado na política, na economia, na sociedade e na cultura é, também, visivelmente constatado nas comunidades religiosas. A religião é essencialmente androcêntrica.



Dessa forma, a mentalidade machista é reconhecida pelo senso comum, como a cultura da superioridade, exercida pelo homem de forma a subjugar o sexo feminino na compreensão de inferioridade.

Cabe ressaltar que as mulheres que estão sob o domínio masculino, subordinadas pelo vínculo funcional, parental ou matrimonial, são as mais afetadas. (CORTES et al, 2015).

A mulher, de acordo com tal mentalidade, é um ser frágil, indefeso, incapaz e que necessita da figura masculina para poder se realizar e ser feliz, assim, no mundo machista, as mulheres são construídas culturalmente a partir de ideias e valores do universo masculino.

Ao ideário machismo, somam-se outras mentalidades, a misoginia e o sexismo, tão nefandos e prejudiciais à construção de uma mentalidade voltada para a igualdade de gênero na sociedade.

O discurso machista é misógino, pois verbaliza todo o ódio à mulher, inferiorizando-a, menosprezando-a e excluindo-a da vida social em comum. Mesmo que a partir da década de 60 as mulheres venham conquistando espaços cada vez mais significativos na sociedade, ainda é muito pouco.

### **A misógina: uma faceta do androcentrismo**

A misoginia é o ódio, o desprezo, a violência contra a mulher pelo simples fato de ser mulher e de tudo que a represente (BRAGA, 2013) e se fundamenta no preconceito sexista e ideológico, tornando-se a base da opressão às mulheres em sociedades.

Há várias formas de manifestação da misoginia: piadas, pornografia, violência e o autodesprezo que as mulheres, através da educação, são ensinadas a sentir por seus corpos. (JOHNSON, 2000 apud BRAGA, 2015).

Nas relações entre homens e mulheres há um espaço delimitado pelo modelo tradicional de divisão sexual em tarefas, que de algum modo justifica e legitima, para ambos os sexos, a ausência do homem no espaço doméstico, mesmo que mulheres e homens dediquem ao mesmo tempo no trabalho fora do lar. (BANCO MUNDIAL, 2003).



“Os homens estão ligados à vida pública e em todas as suas dimensões de trabalho, ao lazer, à política, riqueza e poder, enquanto que as mulheres estão relegadas à esfera privada do domicílio”. (BANCO MUNDIAL, 2003, p.29).

Nas sociedades mulçumanas, fortemente patriarcais, a mulher tem ainda, em pleno século XXI, sofrido profundos golpes em seus direitos. Nos países africanos, as mulheres têm sido vítimas de terríveis maus tratos. Na Ásia, as mulheres sofrem mutilações. Nas Américas, as mulheres sofrem preconceitos e discriminações, principalmente, se forem pobres, negras e analfabetas.

No Brasil, em especial, houve algumas mudanças com relação à violência doméstica, por meio da criação e aplicação na esfera penal da Lei Maria da Penha. (KARAM, 2015 apud GROSSI; GERSHENSON; FERREIRA, 2017).

Em âmbito familiar, a violência está relacionada com a subordinação das mulheres aos homens, de por outro modo, dos menores pelos mais velhos. A violência no Brasil é muito difundida, assim como em outros países da América Latina e até mesmo nos países mais desenvolvidos (BANCO MUNDIAL, 2003).

A prática da dominação e discriminação são comportamentos violentos contra a mulher e estão fundamentados em preconceitos relacionados ao sexo e ao gênero feminino. (OLIVEIRA E SOUZA, 2006). Ou seja, em todas as partes do mundo, em todas as sociedades, sejam elas superdesenvolvidas ou subdesenvolvidas, ocidentais ou orientais, cristãs ou não, as mulheres de algum modo sofrem preconceito, discriminação e violência por causa do machismo reinante nesses países.

### **Androcentrismo e sexismo: o poder da genitália**

O sexismo é um resquício da cultura patriarcal. Um instrumento utilizado pelo homem para garantir as diferenças de gênero, legitimado por atitudes de desvalorização do sexo feminino que vão se estruturando ao longo do curso do desenvolvimento, apoiadas por instrumentos legais, médicos e sociais que as normatizam. (FERREIRA, 2004).



A mentalidade sexista, fenômeno atrelado ao machismo, separa homens e mulheres pela genitália, ou seja, os padrões de comportamento são designados a homens e mulheres pelo simples fato de terem os órgãos sexuais diferentes, estabelecendo, assim, papéis sociais e expectativas de comportamento entre homens e mulheres, demarcados pela relação de poder estabelecida na sociedade. (BANCO MUNDIAL, 2003).

Da mentalidade sexista, surgem as diferenças entre os gêneros masculino e feminino. Essas diferenças são estendidas do sexo à vida em todas as suas dimensões. Contudo, deve-se ressaltar a diferença entre sexo biológico e gênero. Enquanto o sexo biológico é um dado da natureza, o gênero é uma construção social.

Portanto, a misoginia e o sexismo são ideias oriundas da mentalidade machista, que estabelecida e difundida, através da educação e da cultura, permeiam e se propagam por toda a sociedade de maneira natural e neutra.

## CONCLUSÃO

O androcentrismo expresso em ideias socialmente fundamentadas e disseminadas, por meio da cultura e da educação, têm possibilitado estruturas de poder que colocam o homem em uma posição de superioridade e de domínio sobre o gênero feminino. Tal mentalidade é naturalmente posta e reforçada pelo processo cultural e educacional em todas as sociedades.

Por muito tempo, homens e mulheres estiveram em lados opostos, segregados pela ideia de superioridade do gênero masculino sobre o feminino, onde o sexo biológico definiria e determinaria o comportamento social das mulheres, aprisionando-as em padrões estéticos, culturais, educacionais, religiosos e sexuais.

O machismo, a misoginia e o sexismo são expressões do Androcentrismo. Essas ideias fundamentam e legitimam valores e modelos de comportamento que, através das ideias de superioridade, ódio ao feminino e diferenças genitais, causam inúmeros casos de exclusão, discriminação e violência contra mulheres.

Infelizmente, ainda hoje, é presente, em todo o mundo, as diferenças e os abismos entre homens e mulheres, gerados por uma mentalidade de dominação, fundamentadas na ideologia androcêntrica.



As diferenciações sociais estabelecidas entre homens e mulheres a partir da genitália e de sua condição existencial biológica devem ser combatidas por meio de instrumentos sociais e de políticas públicas afirmativas e de empoderamento das mulheres em todos os campos da vida social, política, econômica, educacional e religiosa.

A partir da década de 60, as mulheres lutam e reivindicam maior participação nos espaços públicos, já que o androcentrismo legitima para si as dimensões do poder e da produção, cabendo à mulher o confinamento no espaço privado, a dominação e à reprodução.

Nesse sentido, com a crescente tomada de consciência, convicção e reivindicação de que homens e mulheres são iguais em dignidade, direitos e deveres, é imprescindível que haja a desconstrução do paradigma androcêntrico e a reconstrução de uma mentalidade isonômica real e material entre homens e mulheres, onde ambos tenham a mesma participação na vida social, nas decisões políticas, na vida religiosa e no ambiente laboral.

Compreender como as concepções androcêntricas machistas, misóginas e sexistas atuam na sociedade e são naturalizadas por meio dos instrumentos culturais e educacionais é de fundamental importância para que se combata todas as estruturas de poder que criam valores e definem comportamentos pautados nas ideias de superioridade do gênero masculino sobre o feminino.



## REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL. **A questão de gênero no Brasil**. Unidade de Gênero Departamento de Política Econômica e Redução de Pobreza Região da América Latina e Caribe. CEPIA. 2003.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAGA, Eliézer Serra. **Breve história da construção misógina do Ocidente Cristão**. ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH - Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013. ISSN 1983-2850. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 14 maio de 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.

BRASIL. Senado Federal. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p. Disponível em: <[http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf)>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

BRASIL. Unicef. **Declaração universal dos direitos humanos**. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10133.htm](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm)>. Acesso em: 18 de abril de 2019.

BURNS, Edward Mc Nall. **História da Civilização Ocidental**. 21.ed. Porto Alegre: Ed.Globo,1977, p. 89. In. MAGALHÃES. Teresa Ancona Lopez de. **O papel da mulher na sociedade**. Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. v. 95, 1980. Disponível em: <http://www.revista.usp.br/rfdusp/article/vive/66895>. Acesso em 25 de maio de 2019.

CORTES, Janaina et al. **A educação machista e seu reflexo como forma de violência institucional**. XVII Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL. 2015. UNICRUZ. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2015/1%20-%20artigos/a%20educacao%20machista%20e%20seu%20reflexo%20como%20forma%20de%20violencia%20institucional.pdf>. Acesso em 27 de abril de 2019.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. 2008. Disponível em: [http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos\\_pdf/Empoderamento.pdf](http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf) Acessado em: 27 de abril de 2019.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.



CHAVES, Larissa Noronha. **A mulher trans como ponto de convergência entre o movimento feminista e o movimento LGBT**. In. Revista Serviço Social em Perspectiva – Montes Claros, Edição Especial, março de 2018. p.523-534, Anais do I Encontro Norte Mineiro de Serviço Social – I ENMSS. Disponível em: [www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/download/76](http://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/download/76). Acesso em: 13 de março de 2019.

COULANGES. Fustel De. A cidade Antiga. 1.º v., tradução de Sousa Costa, 2.ed., Livraria Clássica, 1919, Lisboa, p.144 — JAYME DE ALTAVDLA. “Origem dos direitos dos Povos”. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, pág. 54. In. MAGALHÃES. Teresa Ancona Lopez de. **O papel da mulher na sociedade**. Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. v. 95, 1980. Disponível em: <http://www.revista.usp.br/rfdusp/article/vive/66895>. Acesso em: 20 de março de 2019.

CULLER, Jonathan. **Sobre a desconstrução**: teoria e crítica do pós-estruturalismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

DRUMONT, M.P. **Elementos para uma análise do machismo**. São Paulo, 3:81-85, 1980. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1696/1377>. Acesso em 07 de abril de 2019.

FERREIRA, M. C. **Sexismo hostil e benevolente**: inter-relações e diferenças de gênero. Temas em psicologia da SBP, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 119-126, 2004.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

JOHNSON, Allan G. Misogyny. In **Blackwell Dictionary of Sociology**: a User’s guide to sociological language. Oxford: Blackwell Publishing, 2000.

KARAN, Maria Lúcia. Os paradoxais desejos punitivos de ativistas e movimento feministas. 2005. In. GROSSI, Patrícia Krieger; GERSHENSON, Beatriz; FERREIR.(org). **Gênero, sexualidade e sistemas de justiça e de segurança pública**. Porto Alegre: EDIPUCRS. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs>. Acesso em: 10 de março de 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: RJ: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, D. C.; SOUZA, L. **Gênero e violência conjugal**: concepções de psicólogos. Estudos e pesquisa em psicologia, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 34-50, dez. 2006.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Psicologia. **O que é revisão da literatura?** Disponível em <http://www.ip.usp.br/portal/images/biblioteca/revisao.pdf>. Acesso em: 25 de abril de 2019.



Revista Pedagogia – UFMT

Número 10

Jan/Jun 2019